

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

11, 12 e 13 de maio de 2011

Auditório Rio Datacentro (RDC), PUC-Rio

Guimarães Rosa e os sulcos da aletosfera

Sérgio Felipe de Lima Lage

Caixa de Ferramentas Curso Livre de Psicanálise e Ciências
Sociais

lagesergio@gmail.com

Artigo apresentado durante o Simpósio

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, 2011.

ISBN: 978-85-99959-12-1

www.simposiodesign.com.br

Esta obra é protegida pela lei de direitos autorais

Em consideração aos princípios que vêm sendo adotados pelo LaRS, não há um formato padrão para os arquivos, respeitando-se as características individuais.



Departamento de Artes & Design

“Guimarães Rosa e os Sulcos da Aletosfera”

Esse título provém de um experimento que viemos realizando ao longo de 2010. Surgiu de uma inquietação: a premência em articular o que experimentamos e praticamos na clínica psicanalítica com outras produções da interação humana, tanto no campo das artes quanto no campo das ciências sociais.

Psicanálise e *design* podem considerar-se contemporâneos: práticas relativamente jovens, ambos são filhos da modernidade, em suas promessas e em seus impasses. Nasceram a tempo de viver o trauma da Grande Guerra, e sobrevivem num mundo transformado, portadores das sementes modernistas. Seu papel social é necessariamente controverso: *pró* ou *contra*, só conseguirão se representar diante da atualidade se puderem obter pistas seguras sobre o mundo de hoje. Em outros termos, nenhuma teoria pura do *design* ou da psicanálise será capaz de dar conta da dimensão propriamente *ética* de suas práticas. Já iniciado o século XXI, nos parece que tanto o *design* quanto a psicanálise precisarão nutrir-se de suas fronteiras.

**

“A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida com a anedota.”¹

Abertura do ‘Tutaméia: terceiras estórias’

Sabemos que o século XX constituiu-se como um tempo não só de crise dos enquadres tradicionais e clássicos do pensamento e da representação, mas de redefinições de relações e de campos. Foucault terá sido talvez o grande teorizador dessa contemporaneidade. Define-se mais como um historiador do que como um filósofo. Sente, desde o início, que as categorias, as palavras, os rótulos, as repartições, as divisões e as divisórias disponíveis para o

¹ JGR, Tutaméia, abertura do 1º prefácio: Aletria e Hermenêutica.

pensamento não dão conta do que o próprio pensamento já pôde descortinar. Ciente de que o enquadramento de uma ‘História do Pensamento’ nos moldes tradicionais não daria conta da tarefa que se impunha tanto à filosofia quanto à história no século XX, recorre a palavras de outras origens. Evoca, como fez Freud, a *arqueologia*, para nomear seu método historiográfico. Seguindo a pista de Nietzsche, fala em termos de uma *genealogia*, para dar conta das transformações dinâmicas das práticas e dos saberes. Busca redefinições. Tem a clareza de que o solo epistêmico (o que chamou, nas ‘Palavras e as Coisas’ de *episteme*, denotando o conjunto de práticas de saber que coordenam a ação humana), determinando não somente a forma do pensamento, mas, acima de tudo, o que é *pensável* num dado momento, não é transparente nem totalmente acessível. Pois o homem longe de ser um universal, invariante, é, ele mesmo, uma figura da *episteme*.

Foucault localiza em Nietzsche, Freud e Marx os indícios de que houve uma mudança substancial no solo epistêmico: através de um novo agenciamento da função da *interpretação*, o que era apenas impensável mostra-se passível de representação²: o que se interpreta são *hieróglifos*, que têm, também eles, valor de interpretação. Teríamos então adentrado uma nova *episteme*? Falsa pergunta, e impossível de se responder: pois é apenas depois que se mostra possível pensar com Nietzsche, Freud e Marx que se pode conceber a própria idéia de *episteme*. Esse deslocamento é importante, na medida em que assinala que sempre haverá, para todo tempo, o impensável correspondente. A idéia de *episteme* implica, em primeiro lugar, que vivemos imersos em dispositivos historicamente constituídos de produção de saber e de representações, e que, para isso, não há saída (a não ser agir historicamente); em segundo lugar, que os esquemas formais de apreensão da realidade, construídos, eles sim, na História - com agá maiúsculo - da filosofia deixam necessariamente muita coisa de fora: pois, para além do Pensamento Oficial se estende o campo da representação.

N’As Palavras e as Coisas Foucault estabelece que a dupla tarefa que se impõe ao pensamento moderno consiste em, por um lado, articular uma ontologia com uma lógica, e por outro, conjugar as dimensões do tempo e do sentido. No primeiro caso reconhecemos diversas

² Cf. *Nietzsche, Freud, Marx*.

formas modernas da filosofia. No segundo, as questões ligadas à História e à linguagem. Estes dois vetores definem, segundo Foucault, o domínio da *interpretação*³.

Ora, Nietzsche, Freud e Marx serão artífices dessa nova forma de pensar, praticantes de uma atividade interpretativa que tornou-se possível a partir do solo epistêmico presente no que chamamos de modernidade. Neles, as repartições tradicionais entre história e filosofia já não funcionam tão bem. Também os limites pré-estabelecidos para o campo do real não permanecem intactos. De fato, os três homens abrem o século XX demonstrando a insuficiência do real representado pela filosofia clássica quanto à possibilidade de interpretação do mundo. A partir deles é possível estabelecer um critério de verdade ligado à eficácia *histórica*: uma interpretação é tão verdadeira quanto sua capacidade de modificar o estado de coisas. Em contrapartida, apresentam a abundância do que vinha ficando de fora das considerações quanto ao real: a violência das determinações econômicas, em Marx, os interesses viscerais indissociáveis de qualquer possibilidade de pensamento, em Nietzsche, o inconsciente para além do sexual e recalado, em Freud.

O que Foucault faz aparecer com clareza, desdobrando o que aprendera com Nietzsche, é que, na modernidade, a filosofia e a história não podem mais ser concebidas como atividades autônomas: estão radicalmente imbricadas. Nenhuma ontologia, nenhuma lógica, pode *não* se colocar a questão do tempo e do sentido, portanto, evitar rebater-se na dimensão da história. A História, por sua vez, não pode dispensar a crítica de sua prática, sob pena de perecer diante da naturalização de seus achados.

Nietzsche mostrou à filosofia a necessidade de uma renovação radical, trazendo escândalo aos enquadramentos já estabelecidos. Marx fez valer a sua tese nº 11 sobre Feuerbach (“Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é *transformá-lo*”): Suas idéias mostraram-se capazes de sustentar a ação política, em diversos níveis, tornando-se um vetor histórico de grande magnitude. Já Freud fundou uma *praxis* interpretativa da singularidade subjetiva, visando esse homem atravessado pelas pulsões, elementos vivos que carregiam para a vida humana os sedimentos da história.

³ Cf. *As Palavras e as Coisas*, cap. VI, item VIII.

No nível da teoria, Foucault visa a singularidade das práticas. Deixa em segundo plano as Grandes Referências da História do Pensamento (Descartes, Kant, Hegel são apenas coadjuvantes n'As Palavras e as Coisas) para escutar as colateralidades dos fazeres cotidianos. Agindo como arqueólogo, vai reconstituindo os estratos do solo epistêmico onde brotaram práticas tão diversas e tão interdependentes como a Gramática Geral, a História Natural e a Análise das Riquezas⁴. A partir daí pode articular indícios que tornam possível a leitura dos impasses com que se defronta o pensamento moderno, bem como de suas aberturas e possibilidades.

No nível de uma prática, a psicanálise freudiana utiliza a interpretação para fazer emergir um sujeito singular. Este sujeito não é o sujeito invariante e universal da filosofia da consciência. A singularidade visada comporta necessariamente uma dimensão histórica concreta. De modo geral, pode-se dizer que numa psicanálise interpretar é situar politicamente o sujeito na dimensão da história, dimensão esta que é múltipla: tanto da história efetivamente vivida pelo analisando quanto da história das práticas ativas em seu nascimento, e que determinam os destinos de sua família, de sua comunidade, de seu país, de sua época.

Desse modo, qualquer tentativa de deduzir também do pensar sobre a prática psicanalítica a dimensão da história conduz necessariamente à reificação dos conceitos e à reinstalação do velho sujeito da consciência.

**

Não é o chiste rasa coisa ordinária; tanto seja porque escanCHA os planos da lógica, propondo-nos realidade superior e dimensões para mágicos sistemas de pensamento.

Ainda "Tutaméia". Prefácio: "Aletria e Hermenêutica".

Acompanhando Foucault em sua arqueologia, percebemos que é impossível conceber uma teoria definitiva da história. De fato: teorizar a história implica em praticar,

⁴ Cf. *As Palavras e as Coisas*, cap. I a VI.

interpretativamente, a história. Isto recoloca a questão das relações entre as práticas e os conceitos. Os conceitos não subsumem as práticas, mas podem funcionar como ferramentas para organizar as abordagens históricas das práticas. Por isso, após ‘As Palavras e as Coisas’ Foucault sente a necessidade de escrever ‘Arqueologia do Saber’, um livro que operará no vetor da pura teoria, estabelecendo definições, campos e ferramentas, descrevendo métodos e apontando impasses. Em seguida, retoma o trabalho de historiador das práticas singulares, agora chamadas de ‘práticas discursivas’ e ‘jogos de verdade’, em ‘Vigiar e Punir’, História da Sexualidade, e nos cursos do *College de France*. O campo da história e o campo da teoria constituem-se, na *episteme* foucaultiana, completamente *vazados*. E o historiador foucaultiano se autoriza a buscar suas ferramentas em fontes não-oficiais.

Assim: em ‘As Palavras e as Coisas’ Foucault interpola a articulação das práticas do trocar, do falar e do classificar com a interpretação de manifestações culturais tão diversas e significativas como o “Dom Quixote” e o quadro “Las meninas”, que lê com valor de teoria. Não há em Foucault algo como uma teoria da arte ou uma teoria da literatura, que seja responsável pela análise das obras. Antes, é também a partir da leitura das obras de arte que Foucault se autoriza a fazer história.

É nesse ponto que se situa o nosso experimento: sentíamos a necessidade de buscar mediações que nos permitissem falar melhor do que praticamos na clínica. Preocupava-nos poder comunicar e articular algo da especificidade histórica de nossa prática. Queremos falar de uma psicanálise praticada no Brasil, no início do século XXI. E para isso não bastariam os conceitos já recortados na teoria psicanalítica. Teríamos que fazê-los ecoar com outros textos, de forma a obter meios auxiliares de representação do que praticamos. Nos veio à cabeça, então, a noção de *aletosfera*.

Aletosfera é, em primeiro lugar, uma palavra. Na realidade, uma palavra fabricada, um neologismo, proferido por Lacan, não sem hesitação, na lição de 20 de maio de 1970, durante o seminário sobre psicanálise e política. Nosso experimento se propõe a tomar a tal aletosfera em sua potência de palavra, e não como um conceito fechado. A aposta numa palavra nova, naquele momento, parece indicar justamente a perda de eficácia de outras palavras, já desgastadas em conceitos, que perderam justamente seu gume histórico. Lacan lança a

aletosfera atualizando o nome do inconsciente freudiano num momento em que as metáforas ‘siderais’ estavam bastante disponíveis nos discursos cotidianos (o homem tinha acabado de pisar na Lua, rompendo a estratosfera), tanto quanto a *aletheia* heideggeriana era popular nos meios cultos. A anedota –bastante séria – consistia na constatação de que vivemos numa época em que a esfera da circulação de saberes acaba por impor formas de representação cuja hegemonia tende a tomar o lugar da verdade. Em tempos de *aletosfera*, há de se tomar muito cuidado para não se perder contato com o particular, com o elemento local. Ao mesmo tempo, *aletosfera* remete à concretude da circulação dos saberes, ao fato de que os modos de representação hegemônicos circulam com grande força, o que impõe a tarefa de sua crítica.

A idéia de ‘sulcos da *aletosfera*’ aponta para aquilo que resta à margem dos saberes hegemônicos, aquilo que, do particular, foi sulcado pelo hegemônico. Os elementos locais, ligados às particularidades históricas de um determinado território, produzem resistência. A interpretação, tanto na prática psicanalítica quanto na história conforme Foucault, visam necessariamente a liberação desses elementos, que, em conflito com o que é hegemônico, traçam percursos subjetivos singulares.

Lendo Guimarães Rosa percebemos uma coincidência: o primeiro prefácio de ‘Tutaméia’ intitula-se “*Aletria e Hermenêutica*”. A evocação da *aletosfera* lacaniana foi inevitável. Mas nada há de muito misterioso neste fato. Tutaméia foi lançada em 1967, três anos antes, portanto, da invenção da *aletosfera*. O homem ainda não havia pisado na lua, mas a *aletheia* heideggeriana já circulava com vigor inclusive na intelectualidade brasileira. O título do primeiro prefácio (Tutaméia é um livro *sui generis*: tem quatro prefácios, espalhados pelo livro em ordem quase alfabética) tem um quê de fina ironia, fazendo um gracejo com a sisudez dos textos acadêmicos. *Aletria*, como sabemos, é um macarrãozinho fininho, que serve para fazer doces.

Porém, o que se percebe, com um pouco mais de espanto, é que o primeiro prefácio é uma espécie de texto teórico que, levado à sério, opera nas mesmas direções tanto das linhas mestras da arqueologia foucaultiana (no sentido de uma teoria da história não-tradicional, que problematize as relações entre o singular e o geral) quanto do que seria trabalhado por Lacan em 1970: os limites do uso da lógica na apreensão de um Real essencialmente *político*.

**

Uma vez que nos permitimos, não sem uma certa estranheza, prosseguir com nosso experimento, as ressonâncias entre a idéia muito geral da aletosfera lacaniana e o texto do ‘Tutaméia’ começaram a multiplicar-se. Se queríamos mediações para falar de nossa clínica, encontramos, ainda no final do prefácio, uma referência à uma estória passada no hospício de alienados, que termina com a seguinte consideração, que descreve com precisão a ética da clínica psicanalítica, que consiste em dar ouvidos ao sujeito do inconsciente:

“Apenas, nós é que estamos acostumados com que as paredes é que tenham ouvidos, e não os maluquinhos”.

Quarenta *estórias* se intercalam com os quatro prefácios. Nelas, vemos aparecer uma sucessão de personagens que são sujeitos da condição humana: como toda literatura, trata-se de situações de amor, ódio, vida, morte, alegria, luto. Cada uma das estórias é contada do ponto de vista singular de seu personagem principal. A narração varia entre a primeira e a terceira pessoa, e, no final, temos as estórias de quarenta sujeitos. Mas o cenário das estórias é o mesmo: trata-se do Brasil da segunda metade do século XX, em pleno processo de modernização. Pode-se dizer então que o tema geral das estórias é justamente o conflito entre as forças históricas locais e os vetores de modernização – o que está bem de acordo com a idéia dos ‘sulcos da aletosfera’.

Ora, supomos que o que escutamos na clínica – as *estórias* dos pacientes – está efetivamente marcado pelos ‘sulcos da aletosfera’: são fragmentos concretos da história do território de vida dos pacientes, determinados pelo entrecruzamento de diversos vetores históricos. Neste sentido, pode-se fazer uma analogia entre o que se passa na clínica e o que Guimarães Rosa realiza no Tutaméia: trata-se do registro singular de percursos subjetivos, articulados com as determinações históricas concretas de um Brasil que ainda nos é próximo.

Mas, afinal, o que pretendemos com nosso experimento? Nada mais que um exercício de sensibilidade, que nos permita permanecer atentos para modos singulares de representação. Ao mesmo tempo, utilizamos o Tutaméia para tornar mais concreta a noção de aletosfera.

Numa via de mão dupla, recorreremos a essa mesma noção como uma ferramenta de leitura, que nos ajuda a articular as *estórias* com o que experimentamos na clínica.

Pensamos que também um *design* que se interesse em manter um viés crítico, que mantenha alguma consonância com seu projeto inaugural, modernista, se interessará pelo conhecimento e o tratamento dos elementos locais da paisagem humana.